

MISSIONÁRIAS EDUCADORAS PROTESTANTES NORTE-AMERICANAS: MENSAGEIRAS DA FÉ E DA EDUCAÇÃO.

Eneida Ramos Figueiredo

Doutoranda em Educação, Fac. de Educação da
Universidade de São Paulo-USP-bolsista da Fapesp, email:
eneifafi@ig.com.br

Este trabalho é resultado das pesquisas realizadas no mestrado, onde desenvolvi um estudo sobre as pequenas escolas protestantes que foram fundadas no interior paulista, nas localidades que contavam com um núcleo de evangelização Presbiteriana. O estudo se restringe ao presbiterianismo por ter sido pioneiro e o ramo do protestantismo que mais se expandiu na época. O período foi delimitado considerando o início da atuação destas escolas em 1865 e o desaparecimento destas na década de 1890.

A abordagem teórico-metodológica adotada ancora-se numa perspectiva historiográfica, baseada principalmente em fontes primárias referentes à temática História das Instituições Escolares, inserida no campo epistemológico da História da Educação Brasileira.

Nas décadas finais do século XIX, surgiu uma grande demanda por escolas e professoras, por conta da educação popular, uma das bandeiras de lutas dos liberais republicanos (Souza, et al., 1998, p.34). Como afirma Esteve (1991, p.96), a passagem de um ensino voltado à elite para um ensino envolvendo a massa popular trouxe consigo novos problemas qualitativos, conseqüentes do aumento quantitativo de professores e alunos.

Após a República, começaram a ocorrer algumas mudanças no conceito sobre o papel da mulher na sociedade, como educadoras da infância e participantes do progresso da nação. As mulheres no Brasil, até meados do século XIX, possuíam um mínimo de instrução e quando a recebiam esta era restrita à formação de boas mães e esposas. Leda Rodrigues (1962, p. 69) descreve a fraca formação das professoras brasileiras do período:

As poucas professoras que se apresentaram para assumir a direção de uma aula de primeiras letras muitas vezes eram incapazes de transmitir, com aproveitamento para as alunas, os deficientes conhecimentos que possuíam de leitura, escrita e aritmética. Sobressaíam contudo, quase todas no ensino das prendas domésticas.

Com o propósito de suprir a falta de professoras as Missões norte-americanas enviaram ao Brasil várias missionárias-educadoras, que começaram a desenvolver seus trabalhos a partir da década de 1870 nas escolas paroquiais que foram criadas com o objetivo de apoiar o trabalho missionário. Essas missionárias, que já participavam ativamente na sociedade dos Estados

Unidos como educadoras, trouxeram uma bagagem de sólida formação acadêmica e métodos de ensino inovadores para a época, como o método intuitivo e a coeducação dos sexos, exercendo uma certa influência para modernização do sistema educacional brasileiro, oferecendo às meninas e meninos das pequenas vilas do interior, a oportunidade de receber alguma instrução nas escolas paroquiais. Diante da escassez de professoras na época, as missionárias representaram uma contribuição para o desenvolvimento do ensino e, em alguns casos, foram consideradas exemplos com seus métodos pedagógicos inovadores. Portanto, faz-se necessário uma breve análise da identidade destas professoras, sua formação, características culturais, valores, para compreensão dos processos e práticas pedagógicas que estas introduziram nas escolas.

Escrever sobre as missionárias não é tarefa fácil por conta da falta de dados, de fontes primárias e secundárias. Os documentos, por serem escritos por homens, trazem informações superficiais e a bibliografia existente sobre elas também é escassa. Pude recolher alguns relatos nos Relatórios anuais:1872-1875, enviados pelos missionários ao Presbitério do Rio de Janeiro, Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (Lessa, 1938) e um artigo de Alderi Mattos (1998), na revista Fides Reformata. No que se refere à vida das missionárias, sobre algumas encontrei apenas o nome, às vezes referências de onde exerceram o magistério e somente sobre as que mais se destacaram há mais informações, como: Mary Dascomb e Elmira Kuhl.

As Igrejas Protestantes Presbiterianas do norte dos Estados Unidos, mais progressistas que as do sul, foram pioneiras ao enviarem as missionárias para o Brasil. As primeiras missionárias educadoras enviadas pela Junta de Missões Estrangeiras do Norte dos Estados Unidos foram Mary Dascomb e Elmira Kuhl, que possuíam formação pedagógica de nível superior e foram as que mais se destacaram no campo educacional no interior paulista e na região de Brotas:

Horace Manley Lane, do Mackenzie College afirmou que “a história da educação protestante no Brasil não pode ser escrita sem que a cada página venham estampados os nomes de Miss Mary e Miss Ella”. Ambas podem ser consideradas as responsáveis pela fundação metodológica nas escolas em que estiveram: Brotas, São Paulo, Rio Claro, Botucatu e Curitiba... Mary Dascomb dirigiu a escolinha de Brotas em 1872 (apud, Goldman, 1961, p.251-253).

Elmira Kuhl nasceu em Copper Hill, Nova Jersey, no dia 13 de janeiro de 1842. Formou-se professora e começou a lecionar em sua cidade natal. Em 1870, abriu uma escola particular que logo se tornou famosa. Foi nomeada para o trabalho missionário no Brasil em 1874, logo após sua chegada trabalhou na escola evangélica fundada pelo Reverendo J. F. Dagama, na cidade de Rio Claro (Presbitério, 1874). Em 1878, transferiu-se para São Paulo com o propósito de trabalhar na Escola Americana, ocupando o cargo de vice-diretora no internato de meninas anexo à

Escola Americana (Lessa, 1938, p. 153). No ano de 1886, Kuhl estava na direção do Internato de meninas localizado à rua São João nº 70 (id. Ibid, p. 257). Nesse período conheceu e trabalhou com Mary Dascomb. Partiram para Curitiba no ano de 1892, com o intuito de dirigir uma filial da Escola Americana, o que fizeram por vinte e cinco anos. As duas educadoras passariam juntas boa parte de suas vidas e foram grandes amigas e companheiras nas missões educacionais.

Miss Kuhl (1842-1917) foi companheira inseparável de Miss Dascomb, companheiras na vida e na morte, ambas falecidas aos 75 anos. Exerceu a missão pedagógica no Brasil desde 1874, primeiro no Rio Claro e depois em São Paulo, Botucatu e Curitiba. Foram heroínas da Escola Americana (id. ibid., p. 122).

Mary Dascomb, filha de missionários e educadores, nasceu em 1842 em Providence, Rhode Island. Concluiu seu curso universitário em 1860, no Oberlin College, cidade de Oberlin, Ohio, lugar em que passou sua infância e adolescência. Começou a lecionar em Joliet Illinois, em Elyria e Canton, Ohio, sendo convidada a vir ao Rio de Janeiro como professora da família do Cônsul norte-americano, residindo na cidade como professora por dois anos e meio, regressando aos Estados Unidos, onde permaneceu por um ano. Em 1868, a convite de Rev. Simontom, regressou ao Brasil como força missionária da Igreja Presbiteriana. Retornou aos Estados Unidos, por conta da doença de seus pais, permanecendo por quatro anos, até a morte destes; neste período lecionou na Welleley. Quando seus pais morreram, voltou novamente ao Brasil.

Em 1871, estava em São Paulo trabalhando na Escola Americana, ministrando aula mista a dez meninos e meninas (Lessa, 1938, p. 86). Ali permaneceu por pouco tempo, tendo logo que ir assumir a direção da Escola Paroquial de Brotas:

quando o Reverendo J. F. Dagama chegou a Brotas, no estado de São Paulo, (a 3ª igreja fundada no Brasil) em 1872 para ocupar o lugar do Reverendo R. Lenington, Miss Dascomb, moça de trinta anos já estava dirigindo a Mission School. Também prestou serviço em São Paulo, Botucatu, Rio Claro e no Rio de Janeiro. (Goldman, 1961, p.253).

No ano de 1891, Dascomb encontrava-se em Botucatu dirigindo a escola paroquial, juntamente com Elmira Kuhl, Miss Nannie e Miss Hough.

Uma boa escola começou a funcionar sob a direção de Miss Dascomb assistida por Miss Nannie. Miss Hough foi outra valiosa coadjuvante... Miss Kuhl sua companheira pertenceu também ao quadro de professoras de Botucatu (Lessa, 1938, p349).

Dascomb e Elmira trabalharam como educadoras nas escolas paroquiais no interior de São Paulo, nos grandes colégios como a Escola Americana (atual Mackenzie) e a Escola

Americana de Curitiba (fundado por elas), contribuindo para instruir a população e valendo-se de sua formação universitária e experiências adquiridas em escolas nos Estados Unidos. Seu exemplo pode ter tido alguma influência sobre as transformações que se processaram no imaginário da época sobre o papel das mulheres no terreno educacional:

Mary Dascomb, era cheia de energia e possuía uma conversa cativante. Versada na literatura moderna e nos grandes movimentos mundiais, emitia opiniões positivas sobre temas sociais, literários, políticos e pedagógicos. Tinha um coração expansivo e generoso. Elmira Kuhl era calma, quieta, mas alegre, muito paciente e reservada em suas opiniões, mas firme em conservá-las tenazmente. Com grande prudência e mansidão, diligente e conscienciosa em seu trabalho, metódica e sistemática em negócios, possuía grande capacidade administrativa e uma determinação inabalável. Essas duas notáveis mestras que nasceram no mesmo ano (1842), faleceram ambas aos 75 anos em 1917, Mary Dascomb em Curitiba e Ella Kuhl em Nova York, antes que a notícia da morte de uma pudesse alcançar a outra viva. (Matos, 1998, p.106).

Diante da precariedade do ensino, principalmente no interior paulista e da má formação das professoras brasileiras, as missionárias-educadoras ajudaram no desbravamento de novas regiões, na criação de escolas e implantação de modelos pedagógicos modernizadores para época. Eram mulheres obstinadas que tiveram grandes dificuldades devido às difíceis condições da época e de um país ainda por ser construído, sem estrutura, com graves epidemias, com uma sociedade androcêntrica e marcado pela intolerância católica.

Alguns intelectuais brasileiros deixaram registradas as contribuições dos colégios e educadores norte-americanos para a modernização do ensino no país, como Fernando de Azevedo:

As escolas americanas no país, nos primórdios da República e em época em que a instrução ainda se achava em grande atraso, contribuíram notavelmente, em São Paulo, não só para a mudança de métodos como para intensificação do ensino. Fundam os protestantes grandes colégios, como o Mackenzie, em São Paulo, o Instituto Grambery, em Juiz de Fora, o Instituto Gammon, também em Minas, e os ginásios evangélicos da Bahia e de Pernambuco; incentivam a literatura didática que se enriquece com trabalhos de primeira ordem, no seu tempo, como a gramática de Júlio Ribeiro e de Eduardo Carlos Pereira, a aritmética de Trajano, as obras de Otoniel Mota e os livros de leitura de Erasmo Braga; e colaboram efizcamante na difusão do ensino popular, pelo sistema de escolas dominicais (apud Hack, 1985, p. 70).

Barbanti, afirma que nas escolas protestantes:

O ensino ministrado nesses estabelecimentos, embora acanhado, era mais rico e aprofundado que o oferecido nas escolas públicas de primeiras letras (1977, p. 25).

Nas décadas finais do Império, já se começava a discutir a questão da importância da ciência para a educação nacional, uma tentativa de se por o país à altura do século..., não foram nem as escolas públicas nem as confessionais católicas, mas as americanas de confissão protestante, as que vieram consagrar, com sua ação, a mentalidade científica da época (1977, p.45).

Portanto, não podemos deixar de reconhecer suas contribuições para o desenvolvimento do sistema de ensino brasileiro e principalmente por terem sido pioneiras na abertura de uma via de emancipação feminina através da educação.

A empresa educacional protestante deixou sua contribuição às mulheres, ao possibilitar sua instrução e profissionalização através do magistério, adentrando os espaços públicos, uma via de acesso ao poder, a conquista de um meio de reconhecimento profissional e independência financeira.

Referências Bibliográficas

- ALMANAK, da. *Província de São Paulo (1873)*. São Paulo: Imprensa oficial de estado S. A..MESP.
- BARBANTI, Maria Lúcia S. H. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens*. 1977, Dissertação de Mestrado (Mestrado em educação)- Universidade de São Paulo. São Paulo.
- ESTEVE, José M. Mudanças sociais e mudanças na Educação: da educação de elite à educação de massas. In: NÓVOA, A. (org). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Editora Presbiteriana, 1993.
- FILHO, Francisco V. Contribuição norte-americana a educação no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v. 25, p. 229- 266, nov/ dez, 1946.
- GARCEZ, Benedicto Novaes. Mackenzie. São Paulo: Casa editora Presbiteriana, 1970.
- GOLDMAN, Frank. As cartas de Miss Mary P. Dascomb ao Dr. Horace Manley Lane (1886-1907). In: ANAIS do Museu Paulista. São Paulo, 1961. T. 15.
- _____. Os pioneiros americanos no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1972.

GOMES, Máspoli de Araújo. *Religião, Educação & Progresso: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

HACK, Osvaldo H. *Protestantismo e educação brasileira*. São Paulo: Editora Presbiteriana, 1985.

HISDORF, Maria Lucia S. Simonton e o panorama religioso nos meados do século XIX. In: Simonton, 140 anos de Brasil. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. Série colóquios, v. 3, p.29-50.

LESSA, Vicente Themudo. *Annais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Ed. Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo 1938.

MENDONÇA, Antônio G. *O celeste porvir*. A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*; tradução Celso Rodrigues Filho. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática educativa e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REIS FILHO, Cassemiro. *Educação e a ilusão Liberal*. São Paulo: Cortez, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira*. São Paulo: Editora Presbiteriana, 1981.

_____. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973.

_____. *O Padre Protestante*. São Paulo: Editora Presbiteriana, 1950.

SIMONTON, Ashebel Green. *Diário, 1852-1867*. São Paulo: Presbiteriana, 1982.

Fontes Primárias

PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO. *Relatórios anuais: 1872-1875*. Rio de Janeiro. Localizado em: Fundação José Manoel da Conceição, São Paulo.